

## **GEO-GRAFIAS DO COTIDIANO: A CARTOGRAFIA SOCIAL NA (RE)DESCOBERTA DOS ESPAÇOS VIVIDOS PELOS ESTUDANTES**

***GEO-GRAPIES OF EVERYDAY LIFE: SOCIAL CARTOGRAPHY IN THE (RE)DISCOVERY OF SPACES LIVED BY STUDENTS***

***GEO-GRAFÍAS DE LA VIDA COTIDIANA: LA CARTOGRAFÍA SOCIAL EN EL (RE)DESCUBRIMIENTO DE LOS ESPACIOS VIVIDOS POR LOS ESTUDIANTES***

**Carlos Eduardo Nascimento de Araújo**

Instituto Federal do Pará (IFPA)  
carlosaraujo.ifpa@gmail.com

**Aldo Luiz Fernandez Souza**

Instituto Federal do Pará (IFPA)  
aldo.souza@ifpa.edu.br

### **RESUMO**

Este artigo aborda o uso da cartografia social como ferramenta metodológica para a autorrecuperação dos espaços vividos na educação, com foco na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria de Nazaré César Pinheiro, localizada na comunidade de Bacuriteua, em Bragança, Pará. Nesse sentido, o estudo busca responder à questão central: como a cartografia social pode ser utilizada para valorizar as experiências vividas e, ao mesmo tempo, promover uma educação inclusiva e crítica? Os principais interlocutores teóricos incluem autores como Santos (2001), Pinho e Pinho (2021), Finatto e Farias (2021), Acselrad (2008), Bauzys (2024), Finatto (2024), Harley (2014) e Freire (1983), que fundamentam a discussão sobre a geografia do cotidiano, os espaços vividos e a importância da cartografia social na educação. Em suma, a pesquisa demonstra que a aplicação da cartografia social no ensino de geografia não apenas enriquece o aprendizado, mas também fomenta uma reflexão crítica contínua e a necessidade de aprimoramento das práticas pedagógicas. Os resultados indicam que essa abordagem contribui para uma educação mais democrática e emancipatória, ao envolver os estudantes no mapeamento de suas realidades e ao promover uma maior consciência das desigualdades e injustiças que permeiam seus territórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia; Cartografia Social; Espaços Vividos; Pibid.

### **ABSTRACT**

This article addresses the use of social cartography as a methodological tool for the self-recovery of lived spaces in education, focusing on the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria de Nazaré César Pinheiro, located in the Bacuriteua community, in Bragança, Pará. The study seeks to answer the central question: how can social cartography be used to value lived experiences while simultaneously promoting inclusive and critical education? The main theoretical interlocutors include authors such as Santos (2001), Pinho and Pinho (2021), Finatto and Farias (2021), Acselrad (2008), Bauzys (2024), Finatto (2024), Harley (2014), and Freire (1983), who provide a foundation for the discussion on the geography of everyday life, lived spaces, and the importance of social cartography in education. In summary, the research demonstrates that the application of social cartography in geography education not only enriches learning but also fosters continuous critical reflection and the need for improvement in pedagogical practices. The results indicate that this approach contributes to more democratic and emancipatory education by involving students in the mapping of their realities and promoting greater awareness of the inequalities and injustices that permeate their territories.

**KEYWORDS:** Geography; Social Cartography; Lived Spaces; Pibid.

### **RESUMEN**

Este artículo aborda el uso de la cartografía social como herramienta metodológica para la autorrecuperación de los espacios vividos en la educación, centrándose en la Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profesora Maria de Nazaré César Pinheiro, ubicada en la comunidad de Bacuriteua, en Bragança, Pará. El estudio busca responder a la

pregunta central: ¿cómo se puede utilizar la cartografía social para valorar las experiencias vividas y, al mismo tiempo, promover una educación inclusiva y crítica? Los principales interlocutores teóricos incluyen a autores como Santos (2001), Pinho y Pinho (2021), Finatto y Farias (2021), Acselrad (2008), Bauzys (2024), Finatto (2024), Harley (2014) y Freire (1983), quienes fundamentan la discusión sobre la geografía de lo cotidiano, los espacios vividos y la importancia de la cartografía social en la educación. En resumen, la investigación demuestra que la aplicación de la cartografía social en la enseñanza de la geografía no solo enriquece el aprendizaje, sino que también fomenta una reflexión crítica continua y la necesidad de mejorar las prácticas pedagógicas. Los resultados indican que este enfoque contribuye a una educación más democrática y emancipadora, al involucrar a los estudiantes en el mapeo de sus realidades y al promover una mayor conciencia de las desigualdades e injusticias que permean sus territorios.

**PALABRAS CLAVE:** Geografía; Cartografía Social; Espacios Vividos; Pibid.

## 1. INTRODUÇÃO

A palavra "cartografia" deriva do grego "graphein", que significa escrita ou descrita, e "chartes", que se refere a um papel ou mapa (Menezes; Fernandes, 2016). A primeira vez que essa palavra foi utilizada remonta aos séculos IV e V a.C., período em que os gregos começaram a produzir representações gráficas do espaço. Desde então, a cartografia se desenvolveu consideravelmente, passando por diversas transformações que refletem não apenas avanços tecnológicos, mas também mudanças significativas na forma como o espaço geográfico é compreendido e representado (Rizzatti, 2022). No contexto moderno, conforme explica Cordeiro e Guimarães (2024), a cartografia tornou-se uma disciplina central na ciência, oferecendo um conjunto robusto de ferramentas e técnicas para a análise e visualização de dados espaciais. Essas ferramentas são essenciais para uma ampla gama de disciplinas, incluindo geografia, estudos ambientais, planejamento urbano, entre outras áreas que utilizam tais técnicas.

Ao longo dos séculos, a cartografia passou por importantes marcos de desenvolvimento, como a invenção da impressão, que permitiu a reprodução em massa de mapas, e a Revolução Científica, que trouxe novos métodos de observação e medição do espaço. A Revolução Industrial, por sua vez, impulsionou a cartografia para novos patamares, com a necessidade de mapear extensas áreas para a expansão de ferrovias, estradas e outras infraestruturas. No século XX, o advento da tecnologia digital revolucionou ainda mais o campo, permitindo a criação de sistemas computacionais que facilitam a análise geoespacial, como os Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Essas inovações não só ampliaram a precisão e a utilidade dos mapas, mas também democratizaram o acesso à cartografia, tornando-a uma ferramenta acessível a um público mais amplo (Ribeiro, 2021).

Nesse sentido, a cartografia contemporânea vai além da mera representação física de territórios. Ela se integra profundamente ao geoprocessamento e aos Sistemas de Informação

Geográfica (SIG), que permitem a criação de mapas temáticos detalhados, usados para explorar padrões geográficos, avaliar riscos naturais e antropogênicos, e desenvolver políticas públicas informadas (Leite, *et al.* 2019). Além disso, a cartografia desempenha um papel vital na navegação e no posicionamento global. Sistemas de navegação por satélite, como o GPS, dependem de mapas precisos e atualizados para orientar desde motoristas em estradas até embarcações em alto-mar. Na exploração espacial, a cartografia desempenha um papel igualmente crucial. Através da análise de dados espaciais, cientistas e engenheiros podem mapear a superfície de outros planetas, identificar possíveis locais para pousos de sondas, e planejar missões de exploração que nos aproximam cada vez mais de novas fronteiras no universo (Rosa, 2013).

Entretanto, à medida que a geografia evolui como disciplina, uma nova abordagem mais crítica e participativa emerge no campo da cartografia: a cartografia social. Ao contrário da cartografia convencional, que tende a representar o espaço de maneira objetiva e muitas vezes neutra, ela busca dar voz aos grupos marginalizados e subalternos, retratando suas experiências, memórias e identidades no espaço geográfico (Pinho; Pinho, 2021). Essa abordagem da cartografia vai além da simples representação física de lugares, propondo-se a capturar as dinâmicas sociais, culturais e políticas que permeiam o espaço. Nesse sentido, Nascimento (2024) aduz que cartografia social surge, assim, como uma ferramenta metodológica eminentes para explorar as complexidades das relações sociais e culturais em territórios específicos, permitindo que as representações cartográficas sejam enriquecidas por narrativas e perspectivas que frequentemente são omitidas em mapas tradicionais (Nascimento, Oliveira, 2024).

Ademais, a presente metodologia também se distingue por seu caráter inclusivo e participativo. Em vez de ser uma prática exclusiva de especialistas, ela envolve diretamente as comunidades na criação dos mapas, permitindo que as pessoas mapeiem suas próprias realidades e expressem suas percepções sobre o espaço em que vivem (Silva, 2015). Dessa forma, não apenas democratiza o processo de mapeamento, mas também promove um senso de pertencimento nas comunidades envolvidas. Os mapas resultantes são frequentemente mais ricos e detalhados do que os produzidos por métodos tradicionais, pois incorporam uma variedade de conhecimentos locais e subjetividades que não são capturadas por técnicas convencionais.

No contexto educacional, a cartografia social está se tornando uma metodologia cada vez mais relevante e engajadora, com potencial para transformar a maneira como os estudantes compreendem e interagem com o espaço geográfico (Finatto; Farias, 2021). Ao incorporá-la no

currículo escolar, os alunos são incentivados a mapear os espaços vividos – ou seja, os lugares onde vivem, trabalham e interagem diariamente. Essa prática não apenas promove uma compreensão mais profunda do espaço geográfico, mas também estimula os estudantes a refletirem criticamente sobre as realidades sociais e culturais que os cercam. Por conseguinte, ao mapear suas próprias experiências e as dos outros, os alunos se tornam agentes ativos na construção de conhecimento, capacitando-se a questionar desigualdades sociais e a propor soluções para problemas locais (Gomes, 2017).

O uso da cartografia social na educação também oferece uma oportunidade única para os alunos explorarem questões de identidade e pertencimento. Ao mapear espaços vividos, os estudantes são convidados a refletir sobre suas próprias experiências e a considerar como essas experiências moldam suas percepções do mundo ao seu redor (Silva; Castrogiovanni, 2021). Esse processo de reflexão crítica é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência geográfica mais ampla e inclusiva, que valoriza a diversidade de perspectivas e promove uma maior compreensão das complexidades do mundo contemporâneo. Além disso, ao engajar os alunos em processos de mapeamento participativo, contribui-se para o desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas essenciais para a formação de cidadãos informados e ativos.

Apesar da crescente importância da cartografia social no campo da educação, ainda há uma lacuna significativa na aplicação dessa metodologia em ambientes escolares, especialmente em comunidades marginalizadas (Bauzys, 2016). A cartografia tradicional, com seu foco em representações estáticas e objetivas, muitas vezes não consegue capturar as gradações e complexidades das experiências vividas por indivíduos e grupos em territórios específicos.

A necessidade de explorar essa questão é ainda mais premente em contextos como o da comunidade do Bacuriteua, no município de Bragança–PA, onde as realidades sociais e culturais são profundamente influenciadas por fatores históricos de marginalização e exclusão. Nessa comunidade, as práticas espaciais dos moradores são ricas em significados culturais e identitários, mas frequentemente negligenciadas por abordagens tradicionais de mapeamento. Nessa perspectiva, levantamos o questionamento de como podemos, então, utilizar a cartografia social para revelar e valorizar essas experiências ao mesmo tempo em que promovemos uma educação mais inclusiva e crítica?

A hipótese central deste artigo é que a incorporação da cartografia social como metodologia de ensino no currículo de Geografia escolar não apenas enriquece o aprendizado dos estudantes,

mas também tem o potencial de transformar suas percepções sobre o espaço geográfico e suas próprias identidades. Desse modo, ao mapear os espaços vividos e analisar as relações sociais e culturais que os configuram, os estudantes não só adquirem uma compreensão mais profunda do território em que vivem, mas também se tornam mais conscientes das desigualdades e injustiças que permeiam esses espaços. Assim, a cartografia social, se consolida como uma ferramenta vital para a construção de uma educação que promove a inclusão, a diversidade e a justiça social.

Este artigo, portanto, busca investigar o uso da cartografia social como ferramenta metodológica de autorrecuperação dos espaços vividos por meio da educação, com foco na comunidade do Bacuriteua, em Bragança–PA. Deste modo, ao integrá-la às práticas de mapeamento participativo no currículo escolar, acreditamos que a cartografia social pode servir como uma ponte entre o conhecimento acadêmico e as experiências vividas, promovendo um aprendizado que é, ao mesmo tempo, crítico e contextualizado.

A relevância desta pesquisa é sublinhada pela crescente necessidade de métodos educacionais que vão além da transmissão de conhecimento e que busquem, em vez disso, engajar os alunos em processos de aprendizagem ativos e reflexivos. A cartografia social oferece uma abordagem que não apenas conecta os estudantes ao espaço geográfico, mas também os incentiva a questionar as estruturas de poder que moldam esses espaços. Ao fazer isso, ela promove uma educação geográfica profundamente enraizada na realidade vivida pelos alunos, o que, por sua vez, pode levar a um engajamento mais significativo e duradouro com as questões geográficas.

O foco na comunidade, portanto, não é apenas uma escolha de conveniência, mas uma tentativa de abordar questões mais amplas relacionadas à marginalização, à exclusão social e à resistência cultural. Esta pesquisa espera contribuir para um corpo crescente de literatura que explora a interseção entre cartografia, educação e justiça social, ao mesmo tempo, busca oferecer *insights* práticos sobre como a cartografia social pode ser implementada de maneira eficaz em contextos educacionais e comunitários.

Em suma, o artigo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, será apresentada a revisão teórica, em que se discutirá a geografia do cotidiano, os espaços vividos, a cartografia, a cartografia social e a educação geográfica. Em seguida, será detalhada a estrutura metodológica utilizada na pesquisa. Posteriormente, serão evidenciados os resultados das análises sobre a produção dos mapas realizados pelos educandos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.<sup>a</sup> Maria de Nazaré César Pinheiro, localizada na comunidade do

Bacuriteua. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, com reflexões sobre as implicações do uso da cartografia social no contexto educacional e nas comunidades estudadas.

## 2. REVISÃO TEÓRICA

### 2.1. Geografia do cotidiano: os espaços vividos

O espaço geográfico compreende os resultados das atividades humanas no planeta (Santos, 2021). Em outras palavras, ele é definido como um fruto histórico e social, sendo o cenário das relações de coexistência, onde indivíduos e grupos se movimentam, construindo coletivamente uma realidade compartilhada.

No entendimento de Souza, Barbosa e Gusmão (2022), a importância do cotidiano na construção da existência humana foi subestimada pela geografia. Demorou-se para perceber que os seres humanos moldam suas vidas diariamente, envolvendo-se na luta pela sobrevivência, na busca do prazer e do conhecimento, nas relações interpessoais e na interação com o ambiente, de forma tanto espontânea quanto intencional. Nesse sentido, observa-se que a construção do espaço geográfico se dá a partir das marcas deixadas por dias e anos de vivências do ser humano.

Nesse contexto, a geografia do cotidiano se insere de forma significativa nos estudos dos espaços vividos, exigindo, entretanto, uma reflexão aprofundada sobre as correntes do pensamento geográfico que antecedem essa abordagem. É necessário traçar um percurso através dessas tradições teóricas para compreender como os espaços vividos convergem e se articulam com os fundamentos da geografia. Segundo Moraes (2007), na Geografia Tradicional, os conceitos centrais da disciplina estavam frequentemente vinculados à noção de paisagem e região. Embora o espaço não fosse o foco central dessa perspectiva, ele ainda era objeto de análise, embora de maneira implícita e secundária.

Com o advento da corrente Teorética-Quantitativa, os estudos geográficos passaram a buscar uma maior cientificidade, ancorando-se no positivismo. Nesse contexto, os conceitos de lugar e território foram relegados a um papel periférico, sendo vistos como meros produtos das relações sociais. O espaço geográfico, por sua vez, foi tratado como uma entidade abstrata, suscetível à representação por meio de modelagens matemáticas, o que refletia uma tentativa de sistematizar e quantificar as dinâmicas espaciais (Ibid., 2007).

Segundo Serpa (2021), na Geografia Humanista e Cultural, influenciada por correntes como a escola de pensamento fenomenológico, uma nova perspectiva foi introduzida. Nesse momento, o

espaço vivido é entendido como a experiência subjetiva das pessoas em relação ao seu ambiente. Logo, esse espaço é concebido como uma construção social, enraizada nas práticas cotidianas e nas interações humanas, transcendendo a mera dimensão física, sendo intrinsecamente ligado às práticas sociais, à cultura e à subjetividade humana. Essa concepção oferece uma compreensão mais profunda e integrada do mundo que habitamos, reconhecendo a complexidade das relações entre as pessoas e o ambiente ao seu redor.

Nessa perspectiva, Serpa (2021) expõe que:

No plano abstrato, uma Geografia dos espaços vividos é também uma Geografia cognitiva das representações sociais e espaciais, pensada como uma forma de elaboração de conhecimento que dê conta das complexas estruturas de representações da sociedade produzindo e reproduzindo o espaço” (Serpa, 2021, p. 86).

Lefebvre (1974) desenvolve a ideia dos espaços vividos como parte fundamental da vida cotidiana, sendo uma forma de compreender o espaço urbano e a vida cotidiana das pessoas que o habitam. Para o autor, os espaços vividos são os lugares onde as experiências cotidianas ocorrem, onde as pessoas vivem, trabalham, interagem e criam significados.

Ao analisar Certeau (2003), vemos as práticas cotidianas das pessoas e como elas se apropriam do espaço vivido para realizar suas atividades diárias. Ele destaca que, no contexto urbano, as pessoas desenvolvem estratégias e táticas para dar significado ao ambiente que as cerca. Dessa forma, o autor diferencia entre “estratégias”, que são as regras e planejamentos impostos por instituições ou poderes dominantes para organizar o espaço; e “táticas”, que são as maneiras criativas e improvisadas pelas quais as pessoas comuns contornam, subvertem ou reinterpretam essas estratégias para atender às suas necessidades e desejos individuais.

Assim, relacionar as ideias de espaço vivido e cotidiano de Henri Lefebvre (1974) e Certeau (2003) ao ensino de geografia pode enriquecer a compreensão dos alunos sobre o ambiente em que vivem e suas interações com ele. Nesse sentido, ao estudar o espaço vivido, os estudantes podem ser estimulados a observar e analisar o ambiente em que vivem, identificando os diferentes elementos que o compõem e refletindo sobre como eles influenciam suas vidas diárias (Cardoso; Junior; Lobato, 2022). Isso pode incluir a investigação da organização da cidade ou da comunidade onde vivem, por meio da cartografia social, das práticas culturais e sociais presentes no cotidiano, e das formas como as pessoas se apropriam do espaço para realizar suas atividades.

## 2.2. Cartografia e educação geográfica

A cartografia, enquanto ciência e prática, desempenha um papel crucial na compreensão e representação do mundo que nos cerca. No entanto, quando incorporada à esfera social e educacional, ela adquire novos significados e aplicações. O conceito de cartografia está intrinsecamente ligado à curiosidade humana em compreender o mundo que habitamos (Rizzatti, 2022).

O termo "cartografia", derivado do grego "carta" (mapa) e "grapho" (descrever), foi cunhado em 1839 pelo segundo Visconde de Santarém, Manoel Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Macedo Leitão. Embora sua etimologia remeta à descrição de mapas, sua concepção inicial estava centrada na elaboração cartográfica. Inicialmente, o termo era associado à arte de traçar mapas, evoluindo posteriormente para englobar a ciência, técnica e arte de representar a superfície terrestre (Cordeiro; Guimarães, 2024).

Entretanto, apesar de uma definição etimológica relativamente recente, a prática cartográfica remonta aos primórdios da humanidade. Segundo Francischett (2004), essa prática era utilizada na pré-história para delimitar áreas de caça e pesca. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1998) explica que:

O conceito atualmente consagrado de cartografia foi definido em 1966 pela Associação Cartográfica Internacional (ACI), e posteriormente endossado pela UNESCO no mesmo ano: 'A Cartografia apresenta-se como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização (IBGE, 1998).

Os mapas são uma representação abstrata do mundo, construída a partir de uma perspectiva específica (Acselrad; Coli, 2008). Nesse sentido, Harley (2005), Martinuci (2016), e Neves e Gonçalves (2022) convergem na compreensão de que os mapas possuem uma intencionalidade intrínseca, servindo como instrumentos de poder. Assim, as produções cartográficas foram gradualmente controladas pelas elites, que viam na representação gráfica do espaço uma forma de afirmar sua territorialidade e, conseqüentemente, garantir o controle social.

Ao longo da história, é possível observar a estreita relação entre elites, mapas e poder. Nesse viés, compreende-se que os mapas são instrumentos políticos que refletem os interesses e perspectivas das elites dominantes, de modo que a produção de mapas está intimamente ligada ao



exercício do poder e à afirmação de autoridade sobre territórios e populações, tendo em vista que as elites, ao controlarem a produção cartográfica, usaram os mapas para legitimar suas reivindicações territoriais, impor fronteiras e consolidar seu domínio sobre as áreas exploradas (Máximo, 2023).

Sob esse viés, os estudos conduzidos por Harley (2009) evidenciam três aspectos que revelam os elementos ideológicos presentes nos mapas: (1) eles representam uma forma de linguagem que reflete visões de mundo, bem como os processos de produção e interpretação de um discurso específico; (2) a iconografia utilizada nos mapas é um meio de transmitir e receber mensagens, ao mesmo tempo em que reproduz e comunica poder político; e (3) os mapas exercem influência significativa no entendimento político da sociedade, moldando a percepção e compreensão do mundo. Em resumo, os mapas não são apenas ferramentas objetivas de representação geográfica, mas sim artefatos carregados de significados ideológicos. Eles refletem não apenas a geografia física, mas também as visões de mundo, o poder político e as influências sociais que moldam nossa compreensão do espaço e da sociedade.

Com a consciência de que a cartografia é um mecanismo de poder dominado pelas elites, mas que também possui grande importância no campo da geografia, Neves e Gonçalves (2022, p. 4) questionam: “Qual é a cartografia ensinada no âmbito escolar?”

Yves Lacoste (1976) defende uma abordagem crítica da cartografia, enfatizando a importância de entender os mapas como produtos sociais e políticos, e não como meras representações neutras do espaço. No âmbito escolar, ele propõe uma educação cartográfica que considere essa perspectiva crítica, incentivando os alunos a questionar as representações cartográficas dominantes e a refletir sobre as relações de poder e as ideologias subjacentes aos mapas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000) para o ensino fundamental e médio, enfatizam a importância da linguagem cartográfica como uma ferramenta educacional fundamental na disciplina de Geografia escolar. Na BNCC (2018), o ensino da Geografia visa promover o desenvolvimento do pensamento espacial, utilizando as linguagens cartográficas e iconográficas para estimular o raciocínio geográfico, permitindo a representação e interpretação do mundo em constante transformação e a conexão entre os elementos da sociedade e da natureza (Brasil, 2017). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000) para o ensino médio, destaca-se a importância de:

Os conceitos cartográficos (escala, legenda, alfabeto cartográfico) e os geográficos (localização, natureza, sociedade, paisagem, região, território e lugar) podem ser perfeitamente construídos a partir das práticas cotidianas. Na realidade, trata-se de realizar a leitura da vivência do lugar em relação com um conjunto de conceitos que estruturam o conhecimento geográfico, incluindo as categorias espaço e tempo (Brasil, 2000).

Contudo, é importante observar que o livro didático continua sendo um dos principais meios de consulta dos estudantes, portanto, é imprescindível compreendê-los como instrumentos carregados de ideologias. Pesquisas anteriores, como as de Pereira e Pezzato (2021), revelam que a cartografia escolar presente nos livros didáticos não é neutra, mas sim carregada de intencionalidades influenciadas pelo contexto histórico, pelas posições dos autores, pela cultura escolar e pelo processo de produção editorial, permeado por discursos e objetivos que refletem o contexto e a intenção de sua criação.

A cartografia escolar presente nos livros didáticos geralmente abrange uma variedade de conceitos e técnicas básicas de representação espacial, como coordenadas geográficas, tipos de mapas (políticos, físicos, climáticos, etc.), legendas, escalas e orientação. Além disso, esses livros costumam incluir exercícios práticos para os alunos praticarem a interpretação de mapas e a aplicação dos conceitos aprendidos (Ibid., 2021). No entanto, esses materiais didáticos não promovem uma aprendizagem ativa dos estudantes e apresentam recursos limitados, enquanto a BNCC não incentiva efetivamente o desenvolvimento do pensamento crítico. Surge, assim, a necessidade de metodologias que promovam o raciocínio crítico no ensino da cartografia.

### **2.3. A cartografia social como recurso didático**

A cartografia social representa um método que favorece a formação do pensamento crítico entre os estudantes. Ela pode ser usada como uma ferramenta metodológica que desenvolve a criticidade dos estudantes, ao analisar e representar espaços sociais, culturais e políticos através de mapas e visualizações de dados, desafiando os estudantes a questionar preconceitos, reconhecer vieses e considerar uma variedade de perspectivas, facilitando uma compreensão mais profunda das complexidades das questões sociais (Priori; Ferreira; Torres, 2021).

Um estudo realizado por Pinho e Pinho (2021) sustenta que:

A Cartografia Social vem se configurando como uma alternativa de mapeamento pautado nas demandas sociais, no qual os protagonistas do processo de elaboração são os próprios integrantes do meio o qual está sendo trabalhado. Pode-se considerar que um dos seus principais intuitos é democratizar o acesso à linguagem cartográfica, ressignificando as

etapas de mapeamento de tal forma que permita sua utilização por pessoas fora do âmbito acadêmico, inclusive por aquelas que não são familiarizadas com os recursos gráficos (Pinho; Pinho, 2021, p. 1204).

Tal como Pinho e Pinho (2021), Gomes (2017) afirma que:

A cartografia social (CS) tem se configurado como uma importante metodologia participativa para o engajamento político e social de comunidades tradicionais e grupos sociais fragilizados social e economicamente. Na luta pelo território e sua defesa, um processo de CS configura-se como instrumento de produção de conhecimento e mobilização. Tal potencial tem fomentado a incorporação desta metodologia em processos formativos, devido às suas contribuições reais à Geografia Escolar (GE) (Gomes, 2017, p. 78).

Com base no que os autores expõem, a importância e os objetivos da Cartografia Social ocorrem a partir da abordagem participativa e inclusiva de mapeamento, onde os próprios membros das comunidades são os protagonistas do processo. Nesse sentido, o objetivo principal é tornar a linguagem cartográfica mais acessível e democrática, permitindo que pessoas fora do contexto acadêmico e sem familiaridade com recursos gráficos possam utilizá-la.

Além disso, a Cartografia Social é vista como uma metodologia relevante para o engajamento político e social de comunidades tradicionais e grupos marginalizados, oferecendo ferramentas para a produção de conhecimento e mobilização em defesa de seus territórios. Essa abordagem tem sido incorporada em processos educacionais, especialmente na Geografia Escolar, devido às suas contribuições práticas e reais para a formação dos alunos (Cardoso; Junior; Lobato, 2022).

Para Carvalho *et al.* (2016), enquanto ferramenta usada na sala de aula, a Cartografia Social capacita os alunos a mapear aspectos de seu cotidiano e comunidade, promovendo uma visão crítica de seu papel como cidadãos ativos na transformação do espaço em que vivem. Isso é especialmente relevante em comunidades desfavorecidas, onde o conhecimento cartográfico pode capacitar os cidadãos a agirem para melhorar suas condições de vida e combater violações à dignidade humana.

Nesse sentido, Gomes (2017) faz significativas contribuições ao salientar que a Cartografia Social oferece diversas possibilidades para a Geografia Escolar, mas sua eficácia depende dos objetivos educacionais do professor e de suas concepções sobre a escola, a Geografia Escolar e os estudantes. Todavia, o professor que planeja utilizá-la deve:

Compreender os princípios da CS; a adequação ao nível de ensino; a intencionalidade pedagógica definida; estar aberto ao inesperado; valorizar os saberes dos escolares -

objetivos e subjetivos; investir na dialogicidade, criatividade e ludicidade; valorizar a escala local contextualizada nas demais dimensões nacional e global; compreender o processo e divulgar o produto (fascículo), com textos, imagens e mapa situacional, tudo isso posto como forma de engajamento político, de proposições e encaminhamentos junto à comunidade (Gomes, 2017, p. 108).

Desta forma, ressalta-se que não há um único paradigma metodológico para a aplicação da Cartografia Social no contexto da sala de aula. Contudo, a reflexão de Gomes (2017) permite afirmar que a autonomia e criatividade do professor são essenciais para adaptar sugestões educacionais aos diferentes contextos, incluindo a utilização de tecnologias e imagens mais complexas, dependendo das condições e recursos disponíveis na escola.

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho aborda detalhadamente os aspectos metodológicos da pesquisa realizada visando descrever os procedimentos essenciais para demonstrar como a incorporação da cartografia social, como metodologia de ensino no currículo de Geografia, não apenas enriquece o processo de aprendizagem dos estudantes, mas também exerce um papel transformador em suas percepções sobre o espaço geográfico e sobre suas próprias identidades.

Metodologicamente, a pesquisa possui cunho quali quantitativo, pois, segundo Creswell (2007, p. 3), o “estudo tende a ser mais qualitativo do que quantitativo ou vice-versa. A pesquisa de métodos mistos se encontra no meio deste *continuum* porque incorpora elementos de ambas abordagens qualitativa e quantitativa”, e exploratório, que segundo Malhotra (2001, p. 106), “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”.

Realizado ao nível de graduação, este trabalho se desenvolveu por meio da aplicação de práticas metodológicas no ambiente educacional, em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A decisão ética de conduzir a pesquisa nesse cenário foi cuidadosamente planejada e estabelecida em diálogo com todos os participantes envolvidos. Dessa forma, a investigação foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.<sup>a</sup> Maria de Nazaré César Pinheiro, localizada no município de Bragança, Pará, com foco específico na comunidade do Bacuriteua. No período de 2 de agosto a 27 de setembro de 2023, foram desenvolvidas atividades junto aos alunos do 2º ano do Ensino Médio, que incluíram a elaboração de mapas que exploraram as dinâmicas e características das comunidades locais, incentivando uma visão crítica e engajada do território vivido.

Para fundamentar teoricamente a investigação, foi realizada uma pesquisa preliminar acompanhada de um levantamento bibliográfico, conforme orientam Marconi e Lakatos (2003), visando reunir informações e autores que pudessem sustentar uma discussão aprofundada sobre a utilização da cartografia social como ferramenta contra hegemônica no ambiente escolar. Essa base teórica foi crucial para o planejamento e a execução das atividades didáticas.

Optou-se por implementar metodologias ativas em sala de aula, fundamentadas nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, que promovem a participação ativa dos alunos como protagonistas na construção do conhecimento. Essas metodologias que envolvem a superação de desafios, a resolução de problemas e o desenvolvimento autônomo de novos saberes (Freire, 1983), foram operacionalizadas por meio de diálogos e debates, buscando uma abordagem participativa e colaborativa, onde os alunos foram estimulados a identificar elementos de sua vida cotidiana que contribuem para a construção de suas culturas locais.

Inicialmente, foi introduzida aos estudantes uma perspectiva decolonial sobre a cartografia, transcendendo a simples elaboração de mapas e incorporando a cartografia social como um instrumento para revelar as dinâmicas de poder e as múltiplas narrativas que emergem nas comunidades, particularmente em contextos de globalização e expansão das tecnologias de comunicação. Os conceitos fundamentais de cartografia e cartografia social foram discutidos, destacando a importância de reconhecer as diversas formas de conhecimento e representação do espaço. Para promover uma abordagem anti-hegemônica, os alunos foram organizados em quatro equipes, com o objetivo não apenas de mapear, mas de cartografar de forma colaborativa e horizontal as diferentes áreas da comunidade do Bacuriteua, incluindo Vila do Meio, Taperaçu Porto e o Quilombo remanescente do América. Cada equipe foi incentivada a considerar tanto os aspectos geográficos quanto os culturais, sociais e econômicos que influenciam a vida nessas localidades.

Durante as atividades de campo, os estudantes foram orientados a observar e registrar, além dos espaços físicos, as práticas culturais, os locais de lazer e as atividades econômicas predominantes em cada área. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda das interações locais e dos diversos elementos que constituem a comunidade. A elaboração das cartografias foi realizada coletivamente em sala de aula, utilizando materiais didáticos como cartolinas, réguas, lápis e canetas. Este processo colaborativo não apenas resultou em mapas mais ricos e detalhados, mas também proporcionou uma experiência de aprendizagem mais significativa, permitindo aos alunos compartilhar conhecimentos e perspectivas ao longo de todo o processo.

Após a conclusão das cartografias, cada grupo apresentou seu trabalho, destacando os símbolos e elementos representativos de cada mapa. Esse momento foi fundamental para promover uma reflexão crítica sobre a percepção dos alunos em relação à identidade cultural local, sublinhando a importância de reconhecer e valorizar as diversas formas de expressão e vivência presentes na comunidade.

Ao longo do processo, a interação com as cartografias sociais das comunidades não apenas despertou o interesse dos alunos pelo patrimônio cultural local, mas também os encorajou a questionar as narrativas dominantes e a valorizar as perspectivas subalternas. Essa abordagem anticolonial e anti-hegemônica ofereceu aos estudantes uma oportunidade única de se envolverem ativamente na construção do conhecimento, tornando-se protagonistas de sua própria aprendizagem e desenvolvendo habilidades fundamentais para a pesquisa, análise crítica e expressão criativa.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cartografia social foi usada historicamente por diferentes sociedades como técnicas de mapear áreas de acordo com certos critérios. É nesse sentido que surge a cartografia social como um ramo da cartografia que visa elaborar mapas sociais, expressando a realidade de populações específicas através da participação ativa dessas comunidades, utilizando-os como instrumentos de defesa de seus direitos interesses (Silva; Junior, 2023). Sendo assim, trabalhando de forma crítica e participativa, a cartografia social caracteriza espacialmente territórios de interesses socioambientais, econômicos e culturais, frequentemente em disputa e com vínculos ancestrais e simbólicos.

Originada na década de 1970, com projetos como o “Projeto de Uso e Ocupação de Terras pelos Esquimós” no Canadá, e posteriormente desenvolvida no Brasil, especialmente em territórios da Amazônia Legal e áreas rurais, a cartografia social representa populações tradicionais, como ribeirinhos, indígenas e quilombolas. Estes mapas, desprovidos de informações técnicas, refletem o cotidiano das comunidades, destacando elementos como casas, escolas, rios e sistemas de esgoto. São utilizados em situações como a delimitação de terras indígenas e a preservação ambiental, contando com o apoio de associações e movimentos para afirmar os direitos territoriais dessas comunidades (Dias, 2020). Além disso, a cartografia social é entendida não apenas como uma técnica, mas como um processo que permite ao sujeito se autorrepresentar em seu território, sendo

fundamental na construção de sua própria identidade (Acselrad *et al.* 2013). Nesse sentido, essa ferramenta, utilizada como recurso metodológico no ensino, possibilitou a produção de mapas sociais detalhados da Vila de Bacuriteua e comunidades adjacentes.

Neste trabalho, os estudantes foram convidados a transpor para o mapa a visão das suas comunidades a partir de suas próprias percepções. Os mapas produzidos pelos alunos são apresentados com uma perspectiva crítica, considerando as relações de poder e as intenções políticas e pedagógicas que os permeiam. De acordo com Finatto e Farias (2021), tais mapas refletem não apenas as características geográficas, mas também as dinâmicas sociais, as lutas de classes e as relações de poder que definem os territórios representados. Nesse sentido, é fundamental compreender que as cartografias produzidas pelos educandos são influenciadas pelas percepções individuais e coletivas, bem como pelas experiências vivenciadas. No entanto, é importante ressaltar que esses mapas não devem ser apenas reflexos das visões de mundo dos educandos, mas também uma ferramenta para a análise e reflexão sobre os problemas sociais presentes nos territórios representados (Neves; Gonçalves, 2022).

Os resultados apresentados neste texto são um reflexo das percepções individuais e coletivas dos alunos. O propósito é investigar questões sociais no contexto vivido e percebido pelos estudantes, utilizando a Cartografia Social como abordagem metodológica no ensino de Geografia. Essa perspectiva está alinhada com a compreensão de Filho e Teti (2013), os quais concebem a cartografia social não apenas como representações geográficas, mas também como uma análise das dinâmicas das relações coletivas em um espaço e suas subjetividades.

A Comunidade de Bacuriteua foi uma das cartografias sociais produzidas pelos estudantes (figura 1). A vila situada no município de Bragança, no estado do Pará, Brasil, emerge como um espaço onde a história, a cultura e a natureza se entrelaçam. Nesse sentido, com suas raízes profundamente enraizadas na tradição, os habitantes de Bacuriteua celebram festividades, como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que ecoam por meio de procissões fervorosas e danças típicas. Dessa forma, essas expressões culturais não só refletem a identidade local, mas também se tornam uma janela para compreender as dinâmicas sociais e culturais da região (Oliveira; Souza, 2020).

**Figura 1: Mapa de Cartografia Social da comunidade de Bacuriteua, exibindo os principais pontos de referência locais, como residências, escolas, igrejas, áreas verdes e vias de acesso, destacando a importância dos lugares a partir da vivência e experiência dos moradores.**



Fonte: Atividade de Intervenção, 2022.

Apesar dos desafios enfrentados, como a escassez de recursos e infraestrutura básica, a Comunidade Bacuriteua mantém um compromisso inabalável com a preservação ambiental e o fortalecimento de suas tradições. Por meio de esforços coletivos e iniciativas de desenvolvimento sustentável, os moradores buscam não apenas garantir a sobrevivência de sua comunidade, mas também preservar a integridade de seu ambiente natural para as gerações futuras (Garcia, 2020).

Outra cartografia social produzida foi sobre a Comunidade do Taperaçu (Figura 2), localizada no município de Bragança, no estado do Pará, Brasil, é um lugar de história e cultura enraizada em seu ambiente natural. O Porto de Taperaçu serve como acesso à ilha homônima, situada na Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, uma vasta área de conservação distribuída pelos municípios de Bragança e Tracuateua. Habitada principalmente por pescadores locais, a ilha mantém uma atmosfera rústica, com pouca infraestrutura turística, mas uma riqueza incomparável em diversidade de aves e recursos naturais (Moraes; Darnet, 2022).



Figura 3: Mapa de Cartografia Social de Taperaçu Porto, expressa o cotidiano e os pontos de encontro da comunidade, refletindo a relação íntima dos moradores com o espaço ao seu redor.



Fonte: Atividade de Intervenção, 2022.

Outro resultado da intervenção foi a realização do mapa da comunidade da Vila do Meio (Figura 3), situada no município de Bragança, no estado do Pará, é um enclave onde a tradição pesqueira e a preservação ambiental se encontram em um cenário de beleza natural. Estrategicamente localizada nas proximidades da comunidade de Bacuriteua, esse vilarejo rural está imerso na Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, uma área de conservação federal criada em 2005 para salvaguardar os meios de vida e os recursos naturais da região. Sua população, diretamente envolvida com as atividades extrativistas, encontra na pesca e espécies como mostra no na figura 3, o caranguejo-uçá uma fonte essencial de sustento, especialmente durante o período de defeso, quando enfrentam desafios econômicos decorrentes da interrupção da captura desse crustáceo (Amazônia, 2021).

Figura 3: Mapa de Cartografia Social da comunidade de Vila do Meio, exibindo os principais pontos de referência locais, como residências, escolas, igrejas, áreas verdes e vias de acesso, destacando a importância dos lugares a partir da vivência e experiência dos moradores.



Fonte: Atividade de Intervenção, 2022.

Por fim, mas não menos importante, os estudantes cartografaram o Quilombo do América (Figura 4), localizado no município de Bragança, no estado do Pará, é um testemunho vivo da resistência e da herança cultural da diáspora africana na região. Certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2015, o quilombo passou por um processo de autoreconhecimento de sua identidade quilombola, celebrando suas tradições culturais ancestrais que permeiam o cotidiano da comunidade. Com mais de 200 anos de existência, o Quilombo do América ocupa uma posição de destaque na área rural de Bragança, sendo lar de descendentes de indivíduos que desafiaram a brutalidade do regime escravocrata, preservando sua cultura e história ao longo das gerações (Chaves, *et al.* 2022).

**Figura 4: Mapa de Cartografia Social do Quilombo do América, ilustrando as estruturas e locais essenciais para a comunidade quilombola, como residências, áreas de cultivo, espaços comunitários, e vias de acesso, ressaltando a resistência e a preservação do patrimônio histórico e cultural do quilombo.**



Fonte: Atividade de Intervenção, 2022.

Com base no exposto anteriormente, observa-se que o presente estudo investigou o uso da cartografia social como metodologia em sala de aula, com o objetivo de promover uma compreensão mais profunda dos espaços vividos pelos estudantes. Durante a implementação da cartografia social em sala de aula, constatou-se uma significativa participação dos alunos no mapeamento e na análise dos espaços estudados. Nesse sentido, por meio da construção colaborativa de mapas, Patriota (2022) faz significativas contribuições ao demonstrar que os estudantes puderam não apenas visualizar, mas também refletir sobre as dinâmicas sociais e culturais presentes em suas comunidades, fortalecendo assim o vínculo entre eles e o ambiente em que vivem.

Uma das principais constatações foi o fortalecimento do vínculo entre os alunos e o ambiente em que vivem. Ao se engajarem na elaboração dos mapas, os estudantes passaram a perceber de forma mais clara a interconexão entre os diferentes elementos do seu cotidiano, como locais de lazer, pontos de comércio e espaços de convivência. Além disso, a utilização da cartografia

social proporcionou uma oportunidade para os alunos explorarem e valorizarem a diversidade cultural e as múltiplas perspectivas presentes em suas comunidades.

Os resultados indicaram que o uso da cartografia social em sala de aula não apenas enriquece o processo de ensino e aprendizagem, mas também contribui para uma educação mais inclusiva e contextualizada. Ao valorizar o conhecimento local e promover uma abordagem participativa, essa metodologia abre espaço para uma educação mais democrática e emancipatória, onde os alunos são agentes ativos na construção do seu próprio conhecimento e na transformação da realidade ao seu redor.

Segundo Neves e Gonçalves (2022), a cartografia social tem o potencial de facilitar os processos de ensino e aprendizagem, principalmente na escola pública, devido às capacidades de adaptação às demandas locais. Nesse sentido, o uso da confecção da cartografia social em escolas do campo vai muito além do simples ensino de habilidades cartográficas, uma vez que envolve os estudantes de forma ativa na criação de mapas que representam sua realidade local de maneira completa e autêntica.

Por exemplo, os alunos podem mapear elementos como recursos naturais, conflitos territoriais, patrimônio cultural e dinâmicas sociais presentes em suas comunidades rurais. Ao fazer isso, eles não apenas aprendem a técnica de criação de mapas, mas também se apropriam do espaço em que vivem, compreendem suas relações com o território e expressam suas perspectivas individuais e coletivas (Dionisio, *et al.* 2022).

Nas escolas do campo, isso se torna especialmente evidente, pois as comunidades rurais muitas vezes enfrentam desafios relacionados à falta de acesso a recursos e à representação política. Para Harley (2009, p. 5), "em todo estudo iconológico, é somente graças ao contexto que se pode discernir corretamente a significação e suas influências. O contexto pode ser definido como as circunstâncias nas quais os mapas foram elaborados e utilizados." Portanto, quem tem o poder de definir o que é mapeado, como é representado e quem participa do processo pode influenciar significativamente a narrativa cartográfica. Um exemplo disso pode ser uma comunidade rural onde há conflitos territoriais com grandes empresas agropecuárias; a produção de mapas pode ser uma maneira de dar voz aos moradores locais e documentar suas reivindicações territoriais.

Em síntese, a produção de cartografia social em escolas do campo, não apenas ensina habilidades técnicas, mas também capacita os alunos a compreenderem e transformarem seu ambiente, promovendo a justiça espacial e o empoderamento. Essa prática exemplifica como a

cartografia social pode ser uma ferramenta poderosa para desafiar as relações de poder existentes e promover mudanças positivas em comunidades marginalizadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da hipótese de que a incorporação da cartografia social como metodologia de ensino no currículo de Geografia escolar enriquece significativamente o aprendizado dos estudantes, ao mesmo tempo, em que transforma suas percepções sobre o espaço geográfico e suas próprias identidades. Nesse sentido, os resultados obtidos confirmam que a cartografia social não apenas permite uma maior conscientização sobre as desigualdades e injustiças que permeiam os espaços vividos, mas também promove um engajamento mais crítico e significativo dos alunos com o território em que vivem.

A utilização da cartografia social na comunidade do Bacuriteua e adjacentes demonstrou ser uma ferramenta eficaz para revelar e valorizar as experiências culturais e identitárias dos moradores, muitas vezes negligenciadas pelas abordagens tradicionais de mapeamento. Ao mapear seus espaços vividos, os estudantes não apenas adquiriram uma compreensão mais profunda das dinâmicas locais e das interações sociais, políticas e econômicas que moldam esses territórios, mas também se tornaram mais conscientes das narrativas hegemônicas e das hierarquias de poder que muitas vezes excluem ou marginalizam suas próprias perspectivas.

Esses achados estão diretamente relacionados ao objetivo de investigar o uso da cartografia social como ferramenta metodológica de autorrecuperação dos espaços vividos. A pesquisa comprovou que a cartografia social pode ser integrada de forma eficaz no ensino de Geografia, proporcionando uma educação mais inclusiva e crítica, que valoriza as vozes e experiências dos grupos marginalizados.

Contudo, é necessário reconhecer que os mapas produzidos durante a pesquisa não são meras representações neutras da realidade, mas refletem as dinâmicas sociais, as lutas de classes e as relações de poder que definem os territórios representados. Isso reforça a importância de uma análise crítica das representações culturais presentes nos mapas, questionando as assimetrias de poder e as intenções pedagógicas subjacentes.

Apesar dos avanços proporcionados pela abordagem da cartografia social, a pesquisa identificou desafios importantes, como a necessidade de aprofundar a análise das relações de poder e garantir que múltiplas vozes sejam representadas de maneira justa e inclusiva. Portanto, as

limitações enfrentadas sublinham a importância de um contínuo aprimoramento das práticas pedagógicas e uma maior atenção às questões de poder e representatividade nos processos de mapeamento social.

Em conclusão, a pesquisa contribui significativamente para o campo da educação geográfica, evidenciando que a cartografia social pode transformar a maneira como os estudantes percebem e interagem com o espaço geográfico. Ao desafiar as narrativas dominantes e promover a valorização das perspectivas subalternas, essa metodologia se consolida como uma ferramenta vital para a construção de uma educação que promove a inclusão, a diversidade e a justiça social.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Cartografia social, terra e território. **RB Estudos Urbanos e Regionais**, v. 16, n. 1, p. 223-227, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2014v16n1p223>. Acesso em: 22 de mar. 2024.

ACSELRAD, H.; COLI, L. R. Disputas territoriais e disputas cartográficas. **Cartografias sociais e território**, p. 13-43, 2008.

BAUZYS, F.; NASCIMENTO, R. Um breve panorama sobre a pesquisa em cartografia escolar no Brasil. **Santa Catarina**, 2016. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal16/Ensenanzadelageografia/Metodologiaaparalaensenanza/28.pdf>. Acesso em: 10 de ago. de 2024.

BOTELHO, D. V.; et al. Levantamento da arte naval e dinâmica das frotas pesqueiras na área da Resex marinha Caeté-Taperaçu, Bragança, Pará. **Bol. Téc. Cient. Cepnor**, v. 11, n. 1, p. 117-127, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/32074924/ARTIGO\\_PARA\\_FICHAMENTO\\_DE\\_PROJETO.pdf](https://www.academia.edu/download/32074924/ARTIGO_PARA_FICHAMENTO_DE_PROJETO.pdf). Acesso em: 25 de mar. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ensino Médio, 2018. Versão final. Brasília: MEC.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 23 de abr. 2024.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio: orientações curriculares complementares**. Ministério da Educação. Brasília, 2002.

CARDOSO, L. S.; JÚNIOR, A. F. S.; LOBATO, M. M. O ensino de geografia, educação quilombola e mapas mentais: práticas cotidianas na escola municipal padre Alfredo de Laó/Comunidade Vila do Cacau-Colares/PA. **Revista GeoAmazônia**, v. 10, n. 19, p. 66-89, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/geo.v10i19.13402>. Acesso em: 10 de ago. de 2024.

CARVALHO, J.I.F. et al. A Cartografia Social como possibilidade para o Ensino de Geografia: A pesquisa colaborativa em ação. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 33, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/download/229272/23634>. Acesso em: 29 de jan. 2024.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHAVES, D. C. R. et al. Conhecimentos, atitudes e práticas quanto a parasitoses intestinais de Quilombola–Bragança–Pará. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36692/v14n2-03>. Acesso em: 12 de ago. de 2024.

DIAS, E. M. **Cartografia social da Comunidade Quilombola Káagados: identidade e enfrentamento**. 2020. Disponível em: <http://umbu.uft.edu.br/handle/11612/2143>. Acesso em: 02 de mai. 2024.

DIONISIO, P. M. F. A. et al. Os territórios de quilombo no brasil sob a perspectiva da cartografia social. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 14, n. Ed. Especi, p. 232-255, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1455>. Acesso em: 12 de ago. de 2024.

FILHO, K. P.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-49, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-65782013000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-65782013000100004&script=sci_arttext). Acesso em: 07 de abr. 2024.

FINATTO, R. A.; FARIAS, M. I. A Cartografia Social como recurso metodológico para o ensino de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, p. e03-e03, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499443605>. Acesso: 22 de abr. 2024.

FRANCISCHETT, M. N. A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, p. 1-12, 2004. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/Geografia/artigos/cartografia/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>. Acesso em: 29 de jan. 2024.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GOMES, M. F. Cartografia social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 97-110, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.488>. Acesso em: 10 de ago. de 2024.

HARLEY, B. Mapas, saber e poder. **Confins [Online]**, v. 5, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.5724>. Acesso em 23 de abr. 2024.

LACOSTE, Y. **A Geografia Serve para Fazer a Guerra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas, 2010.

LEFEBVRE, H. **A Produção do Espaço**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

LEITE, L. et al. **Geoprocessamento integrado à cartografia social para construção de guia digital cultural**. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17398/0213-9529.38.2.199>. Acesso em: 09 de ago. de 2024.

MARTINUCCI, O. S. Geografia, Semiologia Gráfica e Coremática. **Mercator**, Fortaleza, v. 15, n.3, p. 37- 52, jul./set., 2016.

MÁXIMO, M. L. D. **Cartografia e poder: o atlas do Império do Brasil e a projeção intelectualizada do território nacional por Cândido Mendes de Almeida (1868–1889)**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75828>. Acesso em: 10 de ago. de 2024.

MENEZES, P, M. L.; FERNANDES, M. C. **Roteiro de cartografia**. Oficina de textos, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=SNojDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=A+palavra+cartografia+deriva+do+grego+%E2%80%9Cgraphein%E2%80%9D+que+significa+escrita+ou+descrita.+A+primeira+vez+que+a+palavra+foi+usada+foi+para+descrever+mapas+produzidos+por+gregos+nos+s%C3%A9culos+V+e+IV+a.c.+&ots=lzM7xSyGuD&sig=waD4OKFJhRzxHVNEMFQ0wSbCwUI>. Acesso em: 02 de mai. 2024.

MORAES, R.; DARNET, L. A. F. Vida de Pescador: a diversidade de práticas de pesca como elemento de desenvolvimento territorial na Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Bragança, Pará. **Biodiversidade Brasileira**, v. 12, n. 5, p. 18-31, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37002/biobrasil.v12i5.1848>. Acesso em: 1 de ago. de 2024.

NASCIMENTO, M. F; OLIVEIRA, J. S.; BORBA, W. G. Para além dos pontos cardeais: explorando a riqueza da Cartografia Social no ensino de Geografia. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 17, n. 7, p. e8374-e8374, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.7-200>. Acesso em: 09 de ago. de 2024.

NEVES, T. C.; GONÇALVES, A. R. A prática da cartografia social na educação: uma revisão de literatura. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 20, n. 3, p. 489-508, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/estgeo.v20i3.16429>. Acesso em: 1 de ago. de 2024.

OLIVEIRA, M. V. S.; SOUZA, A. P. V. Discurso de crianças sobre a pesca artesanal e trabalho na comunidade da Pontinha do Bacuriteua na Amazônia Bragantina. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2923>. Acesso em: 23 de mar. 2024.

PATRIOTA, I. M. F. **A cartografia social da comunidade da linha: diálogos sobre educação popular e estratégias de resistências diante ameaças de remoção**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/56697>. Acesso em: 12 de ago. de 2024.

PEREIRA, D. C.; PEZZATO, J. P. Cartografia escolar em livros de Delgado de Carvalho e o desenvolvimento da geografia escolar moderna (1930-1943). **Ciência Geográfica** - Bauru - XXV - Vol. XXV. P. 1703-1719, 2021. Disponível em: [https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV\\_5/agb\\_xxv\\_5\\_web/agb\\_xxv\\_5-03.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV_5/agb_xxv_5_web/agb_xxv_5-03.pdf). Acesso em: 23 de fev. 2024.

PINHO, T. A. S.; PINHO, R. R. O uso da Cartografia Social como alternativa didática na construção de um ensino-aprendizagem significativo na Geografia Escolar. **Diversitas Journal**, v. 6, n. 1, p. 1021-1042, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i1-1504>. Acesso: 13 de fev. 2024.

PIROLI, V. H. B.; FERREIRA, M. L.; TORRES, E. C. Cartografia social como instrumento para entendimento das problemáticas ambientais. **XIV Encontro Nacional de pós-graduação e pesquisa em geografia**, 15



out. 2021. Disponível em:  
file:///C:/Users/User/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Cartografia/TRABALHO\_COMPLETO\_EV154\_MD1\_SA102\_ID244003112021193055.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

RIBEIRO, R. A. S.; FRANCISCHETT, M. N. A cartografia escolar crítica e as tecnologias no ensino de geografia. **Revista Signos Geográficos**, v. 3, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/67454>. Acesso em: 09 de ago. 2024.

RIZZATTI, M. **Breve história da cartografia: dos povos primitivos ao Google Earth** / Maurício Rizzatti, Elsbeth Léia Spode Becker, Roberto Cassol. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: [https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook\\_Hitoria-cartografia.pdf](https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_Hitoria-cartografia.pdf). Acesso em: 09 de ago. de 2024.

ROSA, R.; BRITO, J. L. S. **Introdução ao geoprocessamento**. UFU: Apostila. Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/wp-content/uploads/sites/33/2016/12/Introducao-ao-Geoprocessamento-Roberto-Rosa.pdf>. Acesso em: 09 de ago. de 2024.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SARRAF, M. No Pará, pescadores reivindicam seguro-defesa para preservar o caranguejo-uçá. **Amazônia Real**. 30 de setembro de 2021. Disponível em: <https://amazonia.org.br/2021/09/no-para-pescadores-reivindicam-seguro-defesa-para-preservar-o-caranguejo-uca/>. Acesso em: 02 de mai. 2024.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos**. Geografia e Fenomenologia. Contexto. 2019.

SILVA, E. D.; JÚNIOR, I. R. M. Cartografia social e mapa mental: um olhar complexo no ensino de geografia. **Geoconexões**, v. 1, n. 15, p. 176-196, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/geoconexes.2023.14645>. Acesso em: 22 de abr. 2024.

SOUZA, P. S.; BARBOSA, L. P.; GUSMÃO, A. D. F. Pensamento espacial: da percepção do cotidiano aos bambolês. **Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493**, v. 14, n. 1, p. 2462-2466, 2022. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/view/10775/10580>. Acesso em: 10 de ago. de 2024.

TSUTSUI, H. K. et al. Cartografia de controvérsias na análise da paisagem: Experimentações no ensino de projeto da paisagem. **Pixo: Revista de Arquitetura Cidade e Contemporaneidade**, v. 8, n. 29, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/27128>. Acesso em: 09 de ago. de 2024.

VIEIRA, A. P. et al. Discurso de crianças sobre a pesca artesanal e trabalho na comunidade da Pontinha do Bacuriteua na Amazônia Bragantina. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2923>. Acesso em: 04 de mar. 2024.

*Artigo submetido em: 05/05/2024*

*Artigo aceito em: 03/10/2024*

*Artigo publicado em: 30/12/2024*